

Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan

Luiz C. Martino¹

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o pensamento comunicacional canadense. Sustenta a idéia de Harold Innis como pioneiro, entendendo que sua obra, mais do que uma simples teoria, comporta um programa de pesquisa (no sentido de Imre Lakatos). Define o núcleo duro do programa innisiano, como: a) *a ação da técnica nos processos de comunicação* e b) *a centralidade dos meios de comunicação* para entender a organização social. Teses que estão na base de um projeto de incomparável valor epistemológico, visto que constituiriam uma possibilidade para o fundamento do próprio saber comunicacional.

Palavras-chave: Pensamento comunicacional canadense; teoria da comunicação; Harold Innis; Marshall McLuhan; Escola de Toronto de Comunicação.

RESUMEN

El presente trabajo visa presentar el pensamiento comunicacional canadiense. Sustenta la idea de Harold Innis como pionero, entendiendo que su obra, más que una simple teoría, comporta un programa de investigación (en el sentido de Imre Lakatos). Define el núcleo duro del programa innisiano como: a) *la acción de la técnica en los procesos de*

¹ Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do CNPq. Doutor em Sociologia pela Sorbonne-Paris V (1997). Pós-Doutorado pelo Institut de la Communication et des Médias. Coordenador do NP Teorias da Comunicação da Intercom. Autor de diversas publicações, das quais *Teorias da comunicação: poucas ou muitas?* (São Paulo: Ateliê, 2007); *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências* (Petrópolis: Vozes, 2001).

comunicación y b) *la centralidad de los medios de comunicación* para entender la organización social. Tesis que constituyen la base de un proyecto de incomparable valor epistemológico, visto que constituirían una posibilidad para el fundamento del propio saber comunicacional.

Palabras-clave: Pensamiento comunicacional canadiense; teoría de la comunicación; Harold Innis; Marshall McLuhan; Toronto School of Communication (Escuela de Comunicación de Toronto).

ABSTRACT

This article presents the main lines of thought within Canadian Communication. It sustains the thesis of Harold Innis as pioneer, understanding that his work, more than just a simple theory, it admits a research program (such as employed by Imre Lakatos). It defines as the hard core for the Innisian program: a) *the action of technique on communication processes* and b) *the centrality of media* in the understanding the social organization. The theses are the basis for a unique epistemological project, as they it founded Canadian communication knowledge itself.

Keywords: Canadian communication thought; theory of communication; Harold Innis; Marshall McLuhan; Toronto School of Communication.

Um problema epistemológico

Harold Innis e McLuhan têm sido apontados como os mais significativos nomes do pensamento comunicacional canadense. Não obstante as diferenças, eles têm sido analisados em conjunto, formando uma fecunda tradição nos estudos de comunicação.

Apesar da pouca divulgação de seus trabalhos, é notória a influência de Innis sobre alguns pesquisadores estadunidenses de renome, como James Carey, Joshua Meyrowitz (teoria dos meios), e australianos, como Ian Angus. Sua morte prematura e a falta de traduções² reduziram sensivelmente seu período produtivo. Segundo Babe (2000a), o interesse pela comunicação remontaria ao início dos anos 1940, enquanto para outros, de forma mais precisa, se resumiria ao curto período entre 1948 e 1952, ano de seu falecimento (Heyer; Carey). A limitação a esses poucos anos e a um único idioma certamente retardaram, mas não foram suficientes para impedir a transmissão de uma herança excepcional.

A influência de McLuhan, por sua vez, é bem mais extensa, já que sua notoriedade é incomparável. Acrescentemos, também, que McLuhan não foi somente um pensador dos meios de comunicação, mas um intelectual midiático, talvez o primeiro no sentido pleno. O produto de suas reflexões sobre a comunicação era diretamente aplicado na produção e divulgação de suas obras: os inúmeros paradoxos e *boutades*, as explicações indigentes, as analogias despropositadas, a constante mudança de assunto, enfim, todo esse desconcertante cortejo de provocações que McLuhan faz desfilar perante seus leitores, constituem um poderoso arsenal de técnicas de captação da atenção do leitor, que, se no plano do conteúdo argumentativo, beiram o burlesco, como *veículo* de idéias correspondem a uma rigorosa estratégia,³ coerente com o princípio de

2 Os trabalhos de Innis não foram traduzidos para nenhuma língua latina, nem para o francês, uma das línguas oficiais de seu país. Isso dificultou a difusão de seu pensamento até mesmo no Canadá, como testemunha Gaétan Tremblay (2003).

3 “O estilo de *Understanding Media* havia sido deliberadamente escolhido por seu caráter ríspido e descontinuo, e se forjou em muitas redações diferentes. Foi deliberadamente escolhido para melhor complementar o tema. Esta é a técnica (ou a ciência, se preferirem) poética de alta categoria: satirizar diretamente o leitor, como meio de ensiná-lo” (McLuhan & McLuhan 1990: 10).

“*meio frio*”, proposto pelo autor. A rigor, são recursos retóricos para a captação da atenção, que McLuhan atribui ao apelo participativo dos meios frios, à medida que exigem uma reação do receptor, uma contrapartida para dar sentido à mensagem, gerando um esforço e atitude participativa, que prende o receptor à mensagem.

A importância dada aos meios de comunicação é, sem dúvida, o traço considerado como característica mais marcante dessa escola. Tal posicionamento epistemológico evita e resolve satisfatoriamente os inconvenientes de uma identificação dos processos comunicacionais com todo e qualquer processo social ou cultural, conforme são analisados com base na mediação tecnológica. O foco nos meios de comunicação nos permite ressignificar a abordagem interdisciplinar presente nesses autores, de modo a diferenciá-la de uma visão holística. As desmesuras da interdisciplinaridade são contornadas à medida que os meios de comunicação passam a ser tomados como eixo de análise. É isso que evita a dispersão temática e que, em última instância, caracteriza os estudos de comunicação como saber autônomo (Martino 2001b; 2001a).

Colocado no plano epistemológico, o problema de uma tradição canadense de estudos em comunicação nos leva a buscar e aprofundar a especificidade de sua contribuição para a formação desse domínio de estudo. Dessa perspectiva, não precisamos insistir nas diferenças entre os dois autores selecionados, nosso objetivo é determinar os princípios mais fundamentais que constituem um único programa de pesquisa.

Segundo Imre Lakatos, um programa de pesquisa é constituído por uma constelação de problemas e teorias, que não devem ser analisados de forma isolada, mas como séries ou conjuntos estruturados. Ele não nasce pronto e acabado, sua gênese comporta contra-exemplos, anomalias, enfim, falhas que deverão ser tratadas através da criação de teorias ou de hipóteses. Estas têm valores diferenciados, pois algumas constituem o *núcleo duro*, o qual não pode ser atacado sem colocar em risco o programa de pesquisa, e um *anel protetor*, correspondendo a aquelas teorias – denominadas como hipóteses secundárias –, que, ao contrário, podem ser criticadas e revistas sem colocar em risco o programa de pesquisa (Lakatos 1994: 64).

É importante ter em conta essa distinção. Ela expõe dois extremos perigosos: o dogmatismo e a crítica radical. Se a primeira posição corresponde ao equívoco de tomar uma teoria por doutrina, verdade inquestionável – o que impede as críticas, mas também elimina a possibilidade de desenvolvimento do programa de pesquisa –; a segunda deixa o programa de pesquisa demasiado vulnerável, sem proteção contra critérios excessivamente rigorosos (como o falsificacionismo radical), o que eliminaria a pesquisa logo nas primeiras dificuldades. Ambas posturas são, portanto, igualmente nocivas e devem ser afastas, pois impedem o desenvolvimento da pesquisa científica.

Para nós, tal distinção se traduz, de uma parte, como possibilidade de distanciamento crítico em relação à obra desses autores, sem que isso signifique nem rompimento, nem aceitação incondicional de suas proposições. De outra parte, nos permite separar o que é realmente essencial e o que pode ser “negociado”, transformado e mesmo recusado, sem que o núcleo duro do trabalho de Innis e McLuhan seja afetado. A riqueza de uma tradição de pesquisa reside justamente nessa fertilidade, nesse poder heurístico do núcleo central.

Por conseguinte, o quadro do programa da chamada Escola de Toronto pode ser entendido como uma série de autores trabalhando no sentido de aperfeiçoar, desdobrar e tornar mais consistentes os princípios epistêmicos em torno dos quais giram as diferentes teorias, os diferentes autores. A caracterização da escola canadense de comunicação corresponde, então, a encontrar e definir esse núcleo duro, ou seja, seu fundamento epistemológico, pois, mais do que uma teoria particular, as obras desses autores devem ser compreendidas como as bases de um programa de pesquisa.

Como tem sido compreendido o núcleo duro do programa lançado por Innis?

Economista, historiador, acadêmico, mas também intelectual e político atento às relações internacionais. Nosso interesse pela comunicação não precisa negar a diversidade de interesses e assuntos trabalhos por Innis.

Contudo, como podemos apreender o núcleo duro do programa comunicacional innisiano dentro de um quadro de ricas experiências e de pensamento interdisciplinar? Esta questão equivale, em grande parte, a dar conta da originalidade de sua abordagem sobre a comunicação e, ao mesmo tempo, destacá-la do contexto de interdisciplinaridade que a cerca.

Nossa tarefa consiste, portanto, em tentar apreender a contribuição comunicacional para além desse quadro multidimensional. Podemos situá-la na articulação de uma série de questões: Como apreender a originalidade do comunicólogo dentro de um quadro interdisciplinar que prevalece e caracteriza o pensamento comunicacional no Canadá? Como entender os aportes epistemológicos de Innis para um domínio cuja autonomia está por fazer, e que para muitos nem mesmo existe ou existirá? Ou seja, qual o sentido de: “H. Innis o pioneiro dos estudos de comunicação”?

Questões, bem entendido, que não estavam no horizonte de seu pensamento e que introduzimos para alcançar uma resposta a um problema que é muito mais nosso do que diretamente de Innis. E por isso estamos falando de *contribuição*. A construção de um saber comunicacional autônomo não foi uma questão para o autor de *Bias of Communciation*; como ainda não é para a maioria dos autores canadenses. A própria área de comunicação só se organizaria mais tarde. Os primeiros sinais viriam quase uma década depois de sua morte e seria preciso três décadas para que uma discussão organizada se estabelecesse. Innis, portanto, não participou desse debate.

Interdisciplinaridade

Dessa forma, a contribuição de Innis deve ser buscada não exatamente no *plano do texto*, mas em princípios que se encontram no *plano do projeto*. E assim também para McLuhan, cujo texto, como comentamos acima, é permeado de argumentações inapropriadas. Devemos distinguir as abundantes teses secundárias (sua *heurística negativa*, na terminologia de Lakatos), que são a matéria viva de seu texto, daquilo que efetivamen-

te constitui o núcleo duro do pensamento comunicacional de Innis, sua efetiva contribuição.

Isso nos traz a questão da definição desse núcleo duro. Para William Melody (1981: 8), o ponto central apareceria no contraste com a maioria da pesquisa em ciência social, ou seja, na “perspectiva holística”, na *abordagem interdisciplinar*, adotada por Innis. O que evidentemente é pouco sustentável. Mesmo admitindo um caráter interdisciplinar (e exclusivo) aos estudos de Innis, isso seria demasiado genérico. Tão genérico quanto as soluções encontradas por Robert Babe (2000a: 16), para quem o pensamento canadense de comunicação teria como traço característico a *abordagem crítica* ou aquela dada por John Watson, que unifica a obra innisiana pelo humanismo e sugere compreendê-la como uma “*abordagem filosófica*” (Watson apud Acland & Buxton 1999: 11).

Como vemos, muitas interpretações são possíveis, mas nosso interesse não é estabelecer a verdade do texto, nem o verdadeiro homem por detrás da obra, o que nos dispensa do trabalho de apontar qual delas seria a mais fiel. Se o que buscamos é a contribuição de Innis para o pensamento comunicacional, então, nos interessamos por aquilo que em sua obra pode ser aproveitado para melhor compreender e fazer evoluir os fundamentos desse saber. Nesse sentido, as abordagens acima não podem nos ajudar, até porque não estão voltadas para isso e mesmo se fossem verdadeiras, pouco importaria, já que não apontam traços característicos que nos ajudariam a apreender o que há de particular na contribuição de Innis para o pensamento comunicacional. Em outros termos, a interdisciplinaridade, bem como a abordagem crítica ou humanista não podem ser entendidas como o núcleo duro do projeto comunicacional innisiano.

Três palavras-chave e três teses: a obra comunicacional de Innis

Vejam os que poderia ser uma apresentação sucinta descrevendo o percurso de Innis. Seus três primeiros e grandes trabalhos versam sobre a economia canadense. Neles são analisadas: a extensão do país para o

oeste, sua industrialização e situação geopolítica. Trata-se de uma visão ampla, de um processo complexo, apreendido em sua totalidade. Suas agudas observações vão criando um somatório de elementos que se harmonizam em uma reflexão sobre os impérios, ou seja, a dependência político-econômica do desenvolvimento de economias locais em relação a economias centrais.

Seu ponto de partida é a dependência da expansão político-territorial em relação à expansão da rede de transportes e de comunicação. Os passos seguintes consistem em mostrar como isso está condicionado, de um lado, pelas características da industrialização (uso do ferro e carvão) e pela demanda de mercados europeus; e, de outro lado, pelas injunções políticas relativas aos impérios britânico e americano.

Esse projeto colossal – que na prática se apoiava na erudição e credibilidade de seu executor – demanda uma tal quantidade de energia e conhecimentos de deixar cético até mesmo um pensador abrangente como McLuhan: “ninguém está preparado para isto”, afirma o futuro autor de *Galáxia de Gutenberg*. Pelo menos não do ponto de vista de um empreendimento científico. Aos seus olhos, somente a arte poderia reivindicar e levar a termo esse projeto de representação total ou de reconstrução da “totalidade do caráter inter-relacional da existência social” (McLuhan 1953: 386).

Se tivéssemos que atribuir três palavras-chave para sintetizar esse projeto, provavelmente seriam: *império*, *meios de comunicação*, *monopólio do conhecimento*. A cada uma delas corresponde uma tese: dependência econômica dos países periféricos (globalização); *bias* dos meios de comunicação; poder e controle social. Apesar de terem alguma autonomia, elas podem ser organizadas em um todo coerente e é justamente isso que uma reconstrução lógica tenta fazer.

Tomando-se como ponto de partida os estudos da economia canadense e seus ciclos econômicos (peles, papel) e sua situação particular entre dois impérios (britânico e americano), podemos dizer que Innis volta ao passado para compreender seus precursores, os grandes impérios da Antiguidade (Babilônia, Roma, Egito). Surge então a tese do *bias* dos meios de comunicação, que dá grande destaque à comunicação.

Mas não podemos colocar tudo no mesmo plano, equiparando sem muito rigor matérias-primas (peles de animais, peixe) com meios de comunicação (“argila”, “papiro”). Essas são tecnologias da inteligência e têm repercussão no plano simbólico, muito além, portanto, de sua simples condição mercantil. E é isso, justamente, que marca o interesse de Innis pela comunicação, e a importância que irá tomar em seu sistema de pensamento.

William Melody chama a atenção para o fato de “que a exploração de recursos básicos nas regiões periféricas e a extensão do poder dos impérios depende dos efetivos sistemas de comunicação” (Melody 1981: 5). Essa dependência é extremamente significativa, pois aponta a trajetória do interesse de Innis e sua nova compreensão, o que sugere a hierarquização das teses: se o objetivo geral permanece o mesmo, ou seja, procurar entender os impérios que determinam a economia canadense e mundial, uma “causa”⁴ mais elementar e profunda foi explicitada e passa a ser o elemento-chave dentro do pensamento innisiano.

A “descoberta” da comunicação representa um importante enriquecimento e uma complexificação do quadro de investigação e, a princípio, seria um aprofundamento da análise sobre as condições de possibilidade dos impérios. No entanto, o deslocamento da matriz explicativa da análise das matérias-primas (ciclo econômico) para os meios de comunicação corresponde a uma passagem do plano da economia para o da comunicação.

Indo diretamente ao ponto, várias possibilidades se abrem para a compreensão dessa “dependência” do plano econômico – mas também do político, do histórico etc. – aos meios de comunicação. A *significação teórica* dessa “dependência” pode ser expressa por, pelo menos, cinco modos diferentes.

a) A mais simples, e conhecida como *determinismo tecnológico*, consiste em entender a ação dos meios sobre a sociedade como uma

4 A rigor, também seria possível entender o interesse de Innis pelos meios de comunicação como uma base material, um viés metodológico, para compreender a economia política. Trata-se de uma ambigüidade que remonta à imprecisão epistemológica de Innis. Nossa reconstrução racional, no entanto, de acordo com os interesses e objetivos deste trabalho, não precisa considerar essa possibilidade de interpretação.

relação causal – ou seja, uma relação forte, direta e unidirecional. No caso de Innis, o determinismo tecnológico se confunde e se expressa como um *materialismo*, já que o autor não faz a distinção, portanto, básica e necessária, entre *suporte material* e *meio de comunicação* propriamente dito (o primeiro está restrito à ordem material, o segundo articula essa ordem com a ordem simbólica). Por conseguinte, o significado dessa dependência expressa uma relação metafísica, seja de *determinação causal* (causalidade, posição encontrada em várias passagens de McLuhan), seja de *potência* aristotélica, o que nos levaria, por exemplo, a buscar o desenvolvimento da monarquia como uma potência da argila: a escrita traria a monarquia, assim como o papel traz a democracia.

A relação direta e abrupta entre uma forma particular de governo com a ordem material do suporte de comunicação, mesmo que intermediada por um reconhecimento da importante função que desempenha na atividade administrativa, não é suficiente para apagar a sensação de grande salto entre um plano e outro. A enorme lacuna que se abre mina a credibilidade de uma teoria da comunicação.

Por outro lado, não é fácil se livrar da causalidade. O mais importante talvez seja sair do plano metafísico e colocar a discussão no plano do conhecimento, transformando a questão em um problema de “imputação lógica”, ou de qual significação dar à relação entre os elementos envolvidos. Em outros termos, o problema não é da ordem do real, mas de como entendemos e construímos nosso objeto de estudo (abordagem que privilegia a centralidade, como veremos mais adiante).

b) Alguns autores têm salientado o aspecto de uma *análise dialética* em Innis. Escapam dessa forma aos inconvenientes do determinismo tecnológico. É uma posição muito menos arriscada, mais cômoda, pois difícil de ser atacada, mas por isso mesmo gera teses “fracas”, no sentido de que elimina a tensão entre os planos, conciliando-os numa totalidade dinâmica, mas pouco propícia à refutação. Na realidade, essa posição também pode ser vista como metafísica, pois imputa à realidade o elemento dialético: a realidade seria assim. Outro aspecto é que elimina o fator unidirecional da análise causal, mas não sua essência, podendo ser interpretada como uma causalidade em dois sentidos ou em dois

tempos, introduzindo níveis superiores de estruturação (como na noção de *feedback*, trazida pela cibernética).

c) Outra possibilidade seria entender a relação da economia com os meios de comunicação como uma *correlação funcional*, isto é, eliminando-se a dependência para tratá-la como uma função: “isto em função daquilo”. Em vez de causalidade, passamos a ver uma correlação, uma interdependência imediata (não em temporalidades diferentes, como na visão dialética), sem ordem de prioridade ou subordinação entre as instâncias envolvidas. Trata-se apenas de compreender algo através de outro fator, o que pressupõe a unidade de ambos, ou seja, a construção de um *sistema funcional*.

d) A noção de sistema também está presente na *análise estrutural*, que é aparentada e muito próxima da anterior. Nela podemos ver uma radicalização do funcionalismo, à medida que os elementos do sistema funcional não preexistem, mas são definidos nas próprias relações que estabelecem uns com os outros. Em termos aplicados, a relação entre economia e comunicação poderia ser entendida como um *efeito estrutural*, uma analogia que liga a forma (traços característicos) do sistema total com a do fenômeno estudado. Aplicado ao nosso caso poderia ser entendido como os reflexos da estrutura global presentes na arquitetura do sistema comunicacional, que podem ser transpostos para as dimensões econômica, política, histórica, enfim, para a organização social em todas as suas dimensões.

e) A noção de *centralidade* é corrente e empregada por vários autores. Diz respeito à eleição de um fator, que passa a ser central, dentro de uma dada problemática. Diante de um quadro complexo, elege-se determinado elemento como explicativo, tanto por seu poder de articulação da totalidade do sistema, quanto por sua capacidade de interpretação das relações entre os elementos em seu conjunto ou de forma isolada. Nesse sentido, é muito próxima das análises funcional e estrutural, mas salienta a decisão de uma escolha metodológica ou epistemológica, ao mesmo tempo em que introduz uma chave de leitura, um princípio de interpretação para a totalidade. As escolhas mais fundamentais nos remetem aos princípios básicos de uma disciplina,

enquanto em outros níveis podem representar as premissas de um programa de pesquisa ou de uma pesquisa em particular (nesse nível, ela passa a ser metodologia).

Não há propriamente falando uma relação de subordinação entre os elementos – pelo menos não no sentido ontológico –, mas sim de hierarquia estratégica (sentido metodológico) ou disciplinar (sentido epistemológico), já que cada disciplina nada mais é que uma tradição de conhecimento caracterizada por certo conjunto de “premissas” ou decisões segundo uma certa compreensão possível de seu objeto. A vantagem dessa interpretação é produzir teses fortes (maior grau de refutabilidade) sem impor qualquer tipo de determinismo, permitindo, simultaneamente, lidar com um grande número de fatores sem que o pesquisador fique “encalhado no infinito”, como acontece com aqueles que tentam levar a sério a abordagem interdisciplinar.

Vários pesquisadores empregam essa abordagem, nem sempre com clareza sobre sua implicação e posicionamento epistemológico. Nós mesmos nos aproximamos dela quando tratamos o objeto de estudo da comunicação (Martino 2003; 2001). Uma apresentação e breve discussão de seus princípios podem ser encontradas em *O advento da sociedade pós-industrial* de Daniel Bell (1977).

Enfim, todas essas posições são conhecidas e correntes nas ciências sociais. Seria inapropriado, e mesmo incoerente, escolher uma delas como a verdadeira ou a mais fiel à obra de Innis, não somente por certa ambigüidade que ela comporta, mas principalmente porque estamos falando de programa de pesquisa, o que admite necessariamente variações quanto a sua interpretação (os pesquisadores podem desenvolver versões diferentes do núcleo duro).

De outro lado, não é possível deixar de ter um posicionamento. Por isso explicitamos o nosso como sendo este último, o da centralidade. Entendemos, então, a obra de Innis como um complexo conjunto de problemas e tomamos a comunicação como dimensão central que permite unificá-los e hierarquizá-los, não de forma absoluta, mas em função do problema e dos objetivos fixados por nosso interesse em interpretar e compreender sua contribuição para o pensamento comunicacional.

Assim, adotamos a proposição da *centralidade dos meios* como a tese central ou o núcleo duro do programa comunicacional de Innis, de modo que os meios de comunicação passam a constituir uma chave de interpretação para a organização social.

Diferenças sutis, mas profundamente importantes, devem ser levadas em conta. Por exemplo, James Carey (1967: 34) define o “ponto central de Innis” do seguinte modo: “o principal efeito da tecnologia dos meios de comunicação é sobre a organização social”. Nossa afirmação aparentemente repete a de Carey, mas apenas aparentemente. A abordagem da centralidade não admite a noção de *efeito*, como proposta por esse autor, que interpreta Innis como um determinista tecnológico.

Os ataques às hipóteses secundárias

Amplio, polêmico, difícil, com interfaces com muitos domínios de conhecimento, e ainda, novo e original, o trabalho de Innis atraiu muitas críticas. E não poderia ser de outra maneira. Faltava-lhe uma base epistemológica, uma reflexão sobre a significação teórica acerca de suas proposições-chaves e uma sistematização do pensamento, lacuna que torna válido quase tudo o que foi dito a favor e contra ela (manchas do teste de Rorschach; amontoado de informações...).

Mas também faltou tempo. Algo que Innis não dispunha e que a obra adquiriu pela tradição que se formou em torno dela. Fato, aliás, dos mais intrigantes, uma vez que se mostrava tão criticada e criticável. Por que uma obra nessas condições conseguiu atrair a atenção de gerações de pensadores, se nem mesmo a forma como foi escrita deixou de ser atacada? Essa pergunta fica automaticamente respondida ao se abordar a obra de Innis como um programa de pesquisa: o que foi atacado foram suas hipóteses secundárias, o cinturão de problemas e conjecturas constituído ao redor do núcleo duro. Este, ao contrário, permanece intocável e tem chamado a atenção de muitos pesquisadores.

Das críticas mais interessantes e completas feitas à obra innisiana, estão as que Vere Gordon Childe, eminente arqueólogo australiano fez em uma resenha do recém-lançado *Empire and Communications*

(Childe 1950). O enorme poder de penetração de sua análise consegue, em pouquíssimas páginas, abordar uma desproporcional quantidade de problemas, cuidadosamente propostos e tratados de forma muito pertinente graças à sua formidável erudição em matéria de Antiguidade. Da grafia de certos termos até o âmago do projeto de Innis, nada parece escapar ao atento leitor, que examina o *dito*, o *não dito* e o *mal dito*.⁵ As mais importantes, no entanto, se encontram nessa última categoria. Childe simplesmente desmonta as teses de Innis oferecendo contra-exemplos e mostrando a insustentabilidade de afirmações tais como: “a civilização grega foi um reflexo do poder da palavra falada”; ou “a cultura semítica estava baseada no meio pedra”; ou ainda “para que se produzam os Impérios Babilônicos, estes foram enxertados na cultura sumeriana, baseada no meio argila”.

Se sistematizarmos as críticas que, em geral são feitas, à obra innisiana vemos que elas se repartem em quatro categorias principais:

a) insuficiência de reflexão sobre a *significação teórica* (normalmente visando os obstáculos e dificuldades decorrentes de uma interpretação de Innis como determinista tecnológico ou inconsistências relativas à variação de seu posicionamento);

b) *inconsistência teórica* (dificuldade de seu modelo explicativo, que passa de um plano da realidade a outro, de modo muito drástico, como, por exemplo, dizer que a argila e o papel nos levam a regimes políticos diferentes, ou explicar a queda do Império Romano pelo desabastecimento de papiro);

c) *falta de clareza* (problemas com a escrita, amontoado de informações, o que denota falta de sistematização das proposições);

d) *não correspondência com os fatos* (como faz Childe, ao criticar as fontes empregadas na análise das sociedades antigas).

De todas essas, apenas a primeira categoria não entra na mira do arqueólogo australiano. Até porque exigiria um esforço e um espaço muito

⁵ Childe é formado em Filologia.

maior que uma simples resenha. Não obstante, se Childe recusa as afirmações peremptórias de Innis, mostra a inconsistência lógica de algumas delas ou, com mais freqüência, vale-se de sua erudição para mostrar que não correspondem aos fatos históricos, de outra parte, parece compreender que há algo mais importante, que se colocaria para além do material analisado.

Essa separação entre o texto e a “linha de pesquisa”, entre o que foi executado (e como foi executado) e o projeto em si, coloca em jogo a diferença na qual também apoiamos nossa análise. Childe entende a necessidade de distinguir o que no projeto geral é contingente ou essencial. Ou, de maneira mais precisa, como já afirmamos, a necessidade de separar e tratar de forma diferenciada as hipóteses secundárias e o núcleo duro. As primeiras podem – e devem ser atacadas –, porque é desse confronto (que se desdobra nos planos empírico, metodológico, lógico e epistemológico) que nosso conhecimento avança. Não porque os equívocos sejam *melhores*, mas porque trazem mais informação e uma informação mais estável que aquelas contidas nas hipóteses que resistem à falsificação.

É possível definir o essencial do núcleo duro do programa comunicacional innisiano com base nas proposições retidas e destacadas por Childe. Exatamente duas:

- a ação da técnica nos processos de comunicação (ou seja, os meios de comunicação como tecnologias);
- a centralidade dos meios de comunicação para entender a organização social.

Essas proposições encerrariam o principal do que Childe identifica como “interessante linha de pesquisa”, sem contudo enunciar seu conteúdo. Hoje estamos em condições de não somente perceber, mas explicitar melhor o núcleo duro do programa comunicacional innisiano, que aparece claramente em sua compreensão da comunicação por meio da tecnologia. Basta uma comparação com outras tradições de pesquisa para imediatamente nos darmos conta da originalidade do empreendimento. Gætan Tremblay (2003: 20-21) resume com muita propriedade e concisão o quadro conjuntural da produção de Innis e de McLuhan:

No momento em que esses dois autores canadenses colocavam *a técnica no centro de seus estudos de comunicação*, a maior parte dos pesquisadores americanos seguia suas *pesquisas empíricas sobre os efeitos* das mensagens. Outros aplicavam as *teses evolucionistas e difusionistas* das comunicações para o desenvolvimento. Adorno e Horkheimer *criticavam a indústria cultural*, enquanto que Shannon e Weaver concluía a *teoria matemática da informação*, e Wiener jogava as bases da *cibernética*. Os europeus do Oeste, particularmente os franceses, influenciados pelo estruturalismo em lingüística e em antropologia, trabalhavam sobre o sentido e faziam da *semiologia* ciência das comunicações. No Reino Unido, os trabalhos de Hoggart, de Williams e de Thompson sobre a *cultura popular* e a formação dos adultos, inspirados, no começo, pelas abordagens da *filosofia marxista*, conduziram à criação de uma potente corrente que se tornou proteiforme, a *Cultural Studies*.

Desenvolvimento, difusionismo, crítica da indústria cultural, teoria matemática da informação, cibernética, estruturalismo lingüístico, antropologia estrutural, semiologia, estudos culturais. De minha parte, contei nove diferentes tradições e nem precisamos entrar no mérito quanto ao número e ao escopo (seriam todas realmente abordagens de um saber comunicacional?), pouco importa, porque certamente esse número poderia aumentar com muita facilidade. Afinal, que critério poderia dizer o que é e o que não é comunicação, ou que tradições compõem ou não o campo?

Questões que me são particularmente caras, mas que não é o caso de tentar respondê-las aqui, pois essas dúvidas já nos permitem uma interessante constatação: dos poucos pontos seguros e consensuais (e ousado falar de consenso) – talvez o único que faz calar a polêmica a respeito dessas duas obras fortemente exuberantes e paradoxais – é justamente o pertencimento de Innis e de McLuhan ao campo comunicacional. Se tudo neles pode ser colocado em questão (como, aliás, costuma acontecer), também ninguém pode negar que em seus trabalhos há uma *teoria da comunicação*, no sentido estrito.

É curioso observar como a certeza sobre a pertinência ao campo comunicacional decresce à medida que as tradições de pesquisa gozam de prestígio ou demonstram consistência. Porque geralmente pertencem a

outras áreas: quando temos teorias consistentes, não são de comunicação; mas quando são de comunicação, não são consistentes. Contudo, o importante neste momento é destacar que Innis e McLuhan, ao contrário de outros autores e teses, normalmente importados para o campo comunicacional, independente da avaliação que tenhamos, não deixam dúvidas quanto ao pertencimento ao campo da comunicação *stricto sensu*, pois enfatizam e desenvolvem abordagens nas quais os meios de comunicação assumem um papel central.

A passagem de Tremblay nos mostra como esses dois pesquisadores canadenses, voltando-se para a tecnologia, acabam gerando uma entrada característica e original dos fenômenos comunicacionais. Mas podemos ir além dessa constatação e lançar a pergunta se, mais do que uma tradição, eles não inauguram o campo comunicacional. Em outras palavras: em que medida o campo e o próprio conceito de comunicação podem se afastar da centralidade dos meios de comunicação sem perder consistência?

Eis aí uma dessas perguntas das quais se espera muito mais do que um “sim” ou um “não”. Porque não é uma pergunta qualquer. Ela não é circunstancial, nem é determinada pela particularidade de tal ou tal tradição. Sua força reside no fato de que todas as tradições devem se posicionar diante dela (daí seu poder de mobilização); e para isso têm de desenvolver sua base argumentativa. Isso não somente faz com que cresçam, mas também gerem um ponto de diálogo e articulação entre elas. Ora, é isso mesmo que entendemos como o principal papel do *objeto de estudo* de uma disciplina: articular diversas tradições de modo que possam criar interlocuções produtivas (Martino 2003). São esses diferenciais (como dizíamos acima nos referindo ao espaço entre disciplinas) que permitem a geração do conhecimento, o conflito de teses.

Se essas considerações são pertinentes, então, é importante destacar a dupla entrada nos textos de Innis e de McLuhan, seja destacando suas teses do núcleo duro, seja criticando aquelas teses secundárias, que formam parte do cinturão de proteção. Sem esse cuidado muito pouco restaria de suas obras, já que não resistiriam a uma crítica mediana. Entretanto, tal perda pode significar muito mais do que um ataque à fundamentação de uma tradição específica, pois junto com o trabalho desses

dois autores também pode estar indo nossa possibilidade de entender a área como um saber autônomo. Por conseguinte, devemos entender que o pioneirismo em questão não é apenas da fundação de uma corrente ou tradição, mas se refere à própria formação da área de estudo. O que estou sugerindo é que o destino do saber comunicacional e da tradição canadense podem estar mais intimamente ligados do que a relação todo-parte: perspectivas abertas por esses autores inauguram e fundamentam um saber comunicacional *stricto sensu*.

O programa de pesquisa de Innis e McLuhan

Innis não foi o único, nem o primeiro, a destacar a importância dos meios de comunicação e a analisá-los de uma perspectiva histórica. Em 1936, antes de ele começar a se interessar pelo assunto, Gordon Childe já havia publicado *Man makes himself* (traduzido para o português como *A evolução cultural do homem*), no qual dedica todo um capítulo à escrita (“A revolução no conhecimento humano”). Ambos enfatizam a perspectiva histórica e voltam sua atenção para a origem das grandes civilizações e para a escrita. Ambos abrem perspectivas interessantes para o campo comunicacional. Childe procura compreender a profunda revolução cultural que fecha o neolítico e libera o período histórico. Ele reconhece a escrita como o principal elemento de uma “Revolução do Conhecimento”; propõe-se a examiná-la dentro da série de evoluções tecnológicas e perspicazmente a define como uma *tecnologia intelectual*. Innis, de outra parte, procurando explicitar as condições que cercam a emergência e expansão dos impérios, chega até a escrita, tomando-a como componente imprescindível do aparato administrativo no qual se apóia o Estado. Ambos também compartilham princípios materialistas, o que permite ao antropólogo explicar a origem e as conseqüências da escrita com base nas necessidades da florescente atividade econômica do final do neolítico (desenvolvimento da produção e do comércio articulado ao templo como unidade econômica e administrativa do excedente de produção), e ao economista, descrever os impactos da escrita em termos culturais.

No entanto, suas orientações são diferentes, a análise de Childe marca uma trajetória que vem da pré-história para a Antiguidade – e resta presa ao passado. Se seus trabalhos influenciaram uma geração de antropólogos, suas brilhantes análises sobre a escrita são desconhecidas no campo comunicacional.⁶ É o caso, aliás, de outros pensadores importantes, como Erick Havelock, bastante identificado com a Escola de Toronto, autor de respeitável obra sobre o impacto da escrita na Antiguidade grega, mas pouco absorvido pelos comunicólogos. Innis, por sua vez, vem do presente, o que lhe torna possível fazer a ponte da escrita com o problema dos outros meios de comunicação, estabelecendo a relação entre o antigo e o moderno, tal como os problemas dos impérios da Antiguidade se prolongam no do presente.

Essa diferença de orientação nos permite entender por que a contribuição do primeiro, embora mais consistente e fundamentada, não tenha tido penetração no pensamento comunicacional, ao passo que a teoria de Innis, apoiada no conceito de *bias* dos meios, muito mais arrojada e inconsistente, foi acolhida e saudada como uma contribuição pioneira.

Há razões profundas que fazem de Innis o pioneiro dos estudos da comunicação. A ligação entre o passado e o presente representa um projeto pessoal muito caro a Innis, que visava uma “história da comunicação” (Heyer 1981; Buxton 2003;), ou mais exatamente, uma visão histórica da comunicação. Mas também significava trabalhar não com um, mas com vários meios de comunicação. Esse é o diferencial que muito pesou para a associação do nome de Innis ao estudo da comunicação: não se trata de um estudo isolado, ou de um único meio, mas de um projeto de pesquisa sobre o conjunto dos meios de comunicação (escrita, os jornais, o telégrafo, o rádio e a TV).

Na verdade, a ligação com o presente toca o elemento central da epistemologia da comunicação. Sua identificação com os comunicólogos

6 Childe e Innis tiveram breves encontros. Ver o interessante artigo de Paul Heyer (1993) sobre os dois autores. Nos anos 1980, os trabalhos de Jack Goody, um antropólogo inglês, contêm elementos que lembram e aproximam os dois grandes pensadores. J. Meyrowitz, teórico estadunidense, classifica Goody ao lado de Innis, em uma tradição que propõe chamar de *Teoria dos meios*. De outra parte, o principal conceito de Goody se refere às *tecnologias da inteligência*, num sentido mais desenvolvido, mas muito próximo àquele que Gordon Childe emprega de *tecnologia do intelecto*.

se deve ao fato de tomar a *atualidade midiática* como objeto de estudo. Esse é o grande diferencial de Innis e o ponto no qual reside sua originalidade: o núcleo duro de seu programa de estudo se confunde com o da própria área de estudo.

Tratava-se, portanto, de uma teorização dos *meios de comunicação* – não a escrita de forma isolada, como podem fazer os historiadores do livro e da imprensa; não o rádio ou a TV, como podem fazer os sociólogos da comunicação – mas os meios como totalidade e conceito forte. Mais do que elemento constituinte, eles são tomados como vetor explicativo, que permite uma análise original da organização social (poder, cultura, império, conhecimento...) e uma perspectiva singular da história. O *medium* passa a ser a chave de leitura, o elemento central a partir da qual é operada a análise teórica dos processos sociais.

Como matriz explicativa, a centralidade dos meios corresponde a uma *teoria*, no sentido forte que se pode dar ao termo. Por outro lado, para além desse plano, que liga o discurso teórico à realidade a ser explicada, ela também passa a ter um valor epistemológico. A tese possui esta virtude germinadora e pedagógica, presente na obra dos grandes clássicos, já que não apenas dá conta de uma realidade particular (como qualquer teoria deve fazer), a centralidade dos meios estabelece uma forma de abordagem e eixos de investigação a serem seguidos, assumindo assim valor paradigmático. Com esse tipo de análise, explicitam-se os mecanismos que nos permitem compreender nossas próprias pesquisas e acabam influenciando diretamente no seu desenvolvimento. A tese da centralidade midiática introduz um *objeto de estudo* que permite à comunicação ser reconhecida em sua autonomia, de modo que pode se desenvolver como uma disciplina das ciências sociais.

Definitivamente, o autor de *Império e comunicação* não é historiador, nem classicista, não tem formação para isso, suas fontes são de segunda-mão e o resultado apresenta falhas e lacunas significativas. Seus estudos lançam luz menos sobre o passado que sobre o presente, pois é exatamente esse seu objetivo. Seus estudos históricos visavam obter um ponto de comparação: tratava-se de criar as condições de distanciamento que lhe permitem *teorizar e não simplesmente debater os problemas da atualidade*.

Afastado do imediatismo do mundo, sua doença o liberava dos ofícios administrativos e da reatividade do intelectual, o que, de certa forma, o rejuvenescia, trazia-o de volta ao corpo de sinaleiros, para lutar uma nova e derradeira guerra nas trincheiras invisíveis do combate teórico pela cultura. Por coincidência, o ano de 1948 não somente trouxe a doença, ele marca a intensificação de seu interesse pela comunicação e também a entrada da TV na vida canadense. Na época, e ainda hoje, isso significava uma invasão da cultura comercial estadunidense. Innis foi um dos primeiros a entender a extensão do império americano por meio da cultura midiaticizada e cumpria sua missão ao acenar com um corpo teórico que ele mesmo não teve tempo para desenvolver plenamente, mas que hoje sabemos ser capaz de se tornar um programa de pesquisa de toda uma escola, e para além dele, o fundamento de uma disciplina.

Deslocando o foco de seu pensamento do *conteúdo* da atualidade para a *teoria* da atualidade, Innis opera uma importantíssima ruptura, *a ruptura do intelectual com o teórico*, pois aquele morre junto com o seu tempo, pertence a uma época, cuja escala é medida pelas notícias de jornal, pelo combate político e pela dinâmica social fixada, pautada e debatida nos meios de comunicação; o teórico, de outra parte, sobrevive às margens desse fluxo do devir social, que penetra até mesmo o mundo acadêmico.

As mesmas condições midiáticas que liberaram a emergência de novos impérios permitiram vislumbrar a possibilidade de um saber comunicacional forte, isto é, com autonomia explicativa para se tornar um instrumento de sondagem do real ou de interpretação da vida social. Mas, também, tal como aconteceu no plano da cultura, propiciaram a invasão do poder dos meios para dentro do pensamento acadêmico, equiparando informação ao conhecimento e infiltrando a atualidade midiática no conhecimento filosófico-científico.⁷ A retirada para o passado, a adoção de uma perspectiva de longo prazo, o entrincheiramento

7 O próprio movimento de tentar fazer da interdisciplinaridade uma nova forma mais elevada de conhecimento pode ser entendido como uma manifestação do conhecimento acadêmico sendo absorvido pela atualidade midiática e assumindo sua forma.

na teoria, forneceram-lhe o recuo necessário para a reflexão teórica. Representava sua forma de enfrentar as modificações do tempo-espço introduzidas por novos *bias midiáticos*, e assim levar a cabo seu último combate, aquele pela defesa das condições do pensamento.

O estudo dos meios não somente é fascinante em si mesmo, ele nos leva diretamente ao coração dos problemas fundamentais que caracterizam nossa época, e, por isso mesmo, acaba por gerar suas próprias dificuldades de elucidação, encobrindo-se sob o manto da atualidade. A aterradora figura de Proteu, potência divina que incessantemente se transforma e não pode ser apreendido, evocada em uma metáfora de McLuhan, ilustra a dificuldade de apreender a atualidade e, por conseguinte, de definir o objeto de estudo da comunicação. Gerações de estudiosos da comunicação não conseguiram perceber a diferença entre a *forma* (sistema midiático) e o *conteúdo* (fluxo das mensagens) da atualidade midiática, o que os deixou completamente à mercê da pauta dos jornais e outros meios, tornando-se verdadeiras máquinas de reação a seus conteúdos (a crítica, como bem percebeu McLuhan, é apenas uma maneira a mais de se submeter aos meios, ou de torná-los invisíveis). Deixaram-se levar pelos encantos da “realidade proteiforme”, por meio da qual os meios nos dão acesso ao mundo social. Tentaram apreender com as mãos nuas as aparências de um vertiginoso mundo caleidoscópico, repleto de informação, como se a pronta reatividade ao fluxo dos acontecimentos midiaticizados pudesse substituir a abordagem teórica. Isso levou o estudo da comunicação a permanecer afastado das ciências sociais, já que não parecia possível separá-la da experiência direta ou do acompanhamento da atividade jornalística e sua exigência de tomada de posição política diante dos fatos.

Sem o necessário recuo teórico, ou seja, sem o distanciamento proporcionado pela distinção entre forma e conteúdo, a atualidade midiática se mistura à realidade, apresentando-se como devir incessante, impossível de ser pensada, salvo as perecíveis análises e observações do momento. Sem o preparo da reflexão teórica, o conteúdo prevalece, pois a pregnância das mensagens leva nossa atenção a se fixar e a se envolver com seus conteúdos, somos presos pelo sentimento, pela responsabilidade,

pela curiosidade... e de tantas outras maneiras, pois não podemos focalizar o meio propriamente dito.

A problematização da invisibilidade do meio de comunicação é uma das maiores conquistas do saber comunicacional. Trata-se de uma tese derivada da tese central de McLuhan: *o meio é a mensagem*, cujo sentido fundamental encerra duas asserções: a) o meio *não é* a mensagem (distinção entre meio e conteúdo da mensagem); b) o efeito dos meios (e não o das mensagens) é o mais importante. A leitura do capítulo inicial de sua principal obra, *Understanding media*, cujo título traz exatamente a famosa frase, permite observar que a maior parte do texto é dedicada à distinção entre meio e conteúdo (da mensagem) e que o termo “mensagem” é usado de maneira não-usual, como “significado” ou “efeito”. Sem o peso do idióleto mcluhaniano (que usa o termo “mensagem” num sentido muito particular e em oposição a “conteúdo”), fica claro o deslocamento da análise, marcando a importância do meio e distinguindo-o da mensagem.

Menos paradoxal do que aparenta, a frase o “meio é a mensagem” simplesmente indica que é o *meio* que “diz”, que “atribui significado”, que “dá sentido”, que é “significante”, portanto, o que é significativo não é a mensagem, mas o meio. Embora a mensagem possa provocar efeitos, estes são incomparavelmente menos importantes que aqueles provocados pelos meios de comunicação. Em outras palavras, é o meio que interessa.

A visibilidade dos meios, ou seja, a *distinção de meio e mensagem*, constitui o primeiro passo do desdobramento da tese da *centralidade dos meios de comunicação*. Outro passo importante foi apontar os *bias* dos meios de comunicação (tempo e espaço) e a compreensão dos *meios como extensões* – e não apenas como “materialidade”, como em Innis, que trata a argila, a pedra e o papiro como “meios de comunicação”, sem fazer a distinção entre *suporte* (aspecto material do meio) e o *meio* propriamente dito, o qual envolve o acoplamento com a mente humana (que McLuhan entendeu apenas parcialmente, como relação de canais sensoriais). Juntas, essas teses formam o núcleo central da fundamentação da comunicação como domínio de conhecimento (uma disciplina das ciências sociais) e abrem uma perspectiva extremamente rica para se pensar o mundo em que vivemos, como uma sociedade da comunicação.

Por fim, é preciso lembrar que as contribuições de Innis e de McLuhan têm sido simultaneamente aclamadas e contestadas por pesquisadores da área. A nosso ver, essa dualidade pode expressar a diferença de foco entre o reconhecimento de um núcleo duro e o ataque às fracas hipóteses secundárias do programa de pesquisa da Escola de Toronto. Em todo caso, as discussões aí presentes são indicativos claros da grande vitalidade dessas teses.

Referências bibliográficas

- ACLAND, C. & BUXTON, W. (eds.). *Harold Innis in the New Century: Reflections and Refrctions*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999.
- ATTALLAH, P. & SHADE, L. R. (eds.). *Mediascapes: New Patterns in Canadian Communication*. 2. ed. Toronto: Thompson & Nelson, 2006.
- BABE, R. *Canadian Communication Thought: Ten Foundational Writers*. Toronto: University of Toronto Press, 2000a.
- _____. "Foundations of Canadian Communication Thought", in *Canadian Journal of Communication*, issue 1, vol. 25, 2000b. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/search.php?op=search&query=babe&limit=all&offset=30>>. Acesso em: 14/8/2007.
- BERG, D. "Cambridge and Toronto: The Twentieth Century Schools of Communication", in *Canadian Journal of Communication*, vol. 11, nº 3, 1985, p. 251-67.
- BLONDHEIM, M. "Discovering 'The Significance of Communication': Harold Adams Innis as Social Constructivist", in *Canadian Journal of Communication* [en ligne], nº 2, vol. 29, 2004. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=873>>. Acesso em: 14/8/2007.
- BUXTON, W. J. "Harold Innis' Excavation of Modernity: The Newspaper Industry, Communications, and the Decline of Public Life", in *Canadian Journal of Communication*, 23(3), 1998, p. 321-339. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=470&layout=html>>. Acesso em: 14/8/2007.
- _____. "Harold A. Innis 'History of Communications' Manuscript", in HEYER, P. *Harold Innis*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.
- _____. "The Emergence of Communications Study: Psychological Warfare or Scientific Thoroughfare?", in *Canadian Journal of Communication*, nº 4, vol. 21, 1996. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=384&layout=htm>>. Acesso em: 5/2/2005.
- CAREY, J. "McLuhan and Mumford: The Roots of Modern Media Analysts", in *Journal of Communication*, nº 3, vol. 31, 1981.

- _____. “Canadian Communication Theory: Extensions and Interpretations of Harold Innis”, in ROBINSON, G. & THEALL, D. F. (eds.). *Studies in Canadian Communications*. Montreal: Programme in Communications McGill University, 1975, p. 27-58.
- _____. “‘Introduction’ to Harold Innis”, in *Changing Concepts of Time*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2004.
- _____. “Harold Adams Innis and Marshall McLuhan”, in *Antioch Review*, nº 1, vol. 27, 1967, p. 5-39.
- _____. “Marshall McLuhan: Genealogy and Legacy”, in *Canadian Journal of Communication*, nº 3, vol. 23, 1998. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=468>>. Acesso em: 5/8/2007.
- CHILDE, V. G. “Reviews of Empire and Communication by H.A. Innis”, in *The Canadian Journal of Economics and Political Science*, vol. XVII; feb. 1950, p. 98-100.
- CHRISTIAN, W. (ed.). *The Idea File of Harold Adams Innis*. Toronto: The University of Toronto Press, 1980.
- CROWLEY, D. J. “The Communication of Bias and the Bias of Communication”, in SALTER, L. (ed.). *Communications studies in Canada*. Toronto: Butterworths, 1981, p. 199-211.
- DOWLER, K. “Canadian Communication Thought: Ten Foundational Writers”, in *Canadian Journal of Communication*, nº 4, vol. 25, 2000.
- HAMILTON, S. N. “Considering Critical Communication Studies in Canada”, in ATTALLAH, P. & SHADE, L. R. (eds.). *Mediascapes: New Patterns in Canadian Communication*. 2. ed. Toronto: Thompson & Nelson, 2006, p. 9-27.
- HEYER, P. *Harold Innis*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003. cap. 3, p. 41-57.
- _____. “Empire, History, and Communications viewed from the margins: the legacies of Gordon Childe and Harold Innis”, in *The Australian Journal of Media & Culture*, nº 1, vol. 7, 1993.
- INNIS, H. A. *Empire and Communications*. Toronto: University of Toronto Press, 1950.
- _____. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press, 1951.
- KERCKHOVE, D. de. “McLuhan and the ‘Toronto School of Communication’”, in *Canadian Journal of Communication*, nº 4, vol. 14, 1989, p. 73-79.
- LAKATOS, I. *Histoire et méthodologie des sciences*. PUF: Paris, 1994.
- MARTINO, L. C. “Ceticismo e inteligibilidade do saber comunicacional”, in *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura*, PUC-SP/PPG, nº 5, abr. 2003, São Paulo: Educ; Brasília: CNPq, 2003.
- _____. “De qual comunicação estamos falando?”, in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (orgs.). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- _____. “Contribuições para o estudo dos meios de comunicação”, in *Revista Famecos*, nº 13, Porto Alegre, dez. 2000, p. 103-114.
- _____. “Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação”, in FAUSTO Neto, A.; PORTO, S.; PRADO, J. L. Aida (orgs.). *Campo da comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. João Pessoa: Universitária; UFPB, 2001a, p. 77-90.
- _____. “As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação”, in LOPES, M. I. V. (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 69-101.

- _____. “Elementos para uma epistemologia da comunicação”, in FAUSTO Neto, A.; PORTO, S. D.; PRADO, J. L. Aidar (eds.). *Campo da comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. João Pessoa: Universitária; UFPB, 2001, p. 77-90.
- _____. (org.). *Teorias da comunicação: poucas ou muitas?* São Paulo: Ateliê, 2007.
- _____. “História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional”, in CAPPARELLI, S.; SODRÉ; SQUIRRA. *Livro da XIII Compós – 2004: a comunicação revisitada*. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 41-66.
- MCLUHAN, M. “Foreword to Harold Innis”, *Empire and Communication*. Toronto: University Toronto Press, 1972.
- _____. “Introduction to Harold Innis”, *Bias of Communication*. Toronto: University Toronto Press, 1972.
- _____. “The Later Innis”, in *Queen’s Quarterly* 60(3), 1953, p. 385-84.
- _____. & MCLUHAN, E. *Leyes de los medios: la nueva ciencia*. México: Alinza, 1990.
- MELODY, W.; SALTER, L.; HEYER, P. *Culture, communication and dependency: the tradition of Harold A. Innis*. Norwood: Ablex, 1981.
- MEYROWITZ, J. “Medium Theory”, in CROWLEY, D. & MITCHELL, D. *Communication Theory Today*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 50-57.
- OSLER, A. “The Beginnings of Communication Studies in Canada: Royal Commissions, Journalism, and Communication Studies”, in *Canadian Journal of Communication*, nº 1, vol. 25, 2000. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=566&layout=html>>. Acesso em: 22/1/2008.
- ROBINSON, G. “Remembering Our Past: Reconstructing the Field of Canadian Communication Studies”, in *Canadian Journal of Communication*, nº 1, vol. 25, 2000. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=568&layout=html>>. Acesso em: 12/7/2007.
- SALTER, L. (ed.). *Communications studies in Canada*. Toronto: Butterworths, 1981.
- SALUTIN, R. “Last Call from Harold Innis”, in *Queen’s Quarterly*, 104/2, 1997, p. 245-259.
- TATE, E. D. “The Beginnings of Communication Studies in Canada: Concluding Comments: Canadian Journal of Communication and the LaMarsh Commission”, in *Canadian Journal of Communication*, 25(1), jan. 2000. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=567&layout=html>>. Acesso em: 20/3/2007.
- TREMBLAY, G. “De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial”, in *Revista Famecos*, nº 22, Porto Alegre, dez. 2003. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/228/173>>. Acesso em: 23/1/2008.
- WATSON, A. J. *Marginal Man: The Dark Vision of Harold Innis*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.